

VISÃO DO CORREIO

Direitos indígenas das florestas às cidades

Apesar dos vários fatores que violentam os direitos dos povos originários desde o período colonial, o Censo Demográfico divulgado na última sexta-feira revela um aumento no número de povos e línguas indígenas no Brasil, na última década. Os dados mais recentes indicam que 391 povos indígenas residem no país, totalizando 1.694.836 pessoas e 295 idiomas. No Censo de 2010, os números eram, respectivamente, 305, 896.917 e 274. Não só o crescimento natural das populações, mas a mudança do modelo de coleta de dados feita pelo IBGE e a resistência dos indígenas ante à agressividade dos seus oponentes explicam os resultados obtidos agora.

As maiores populações são as dos povos Tikuna (74.061 pessoas), do Alto Solimões, no Amazonas; Kokama (64.327), no médio Solimões, no Amazonas; e Makuxi (54.446), na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima. Todos em territórios originais. O Censo também constatou que os povos indígenas não estão somente nas florestas. Chama a atenção o avanço em áreas urbanas: de 324.834 pessoas em 2010 para 844.760 pessoas em 2022. São Paulo é a unidade da Federação com o maior número de etnias, 271. Na sequência, estão Amazonas (259) e Bahia (233). Brasília abriga 167 comunidades e Minas Gerais, 208.

No passado, líderes alegavam que ir para as cidades era importante para entender os “homens brancos” e, assim, aprender a se defender de eventuais agressões. Hoje, a vida nos centros urbanos tem outros objetivos, como se aproximar das unidades de ensino e de

saúde, sem necessariamente abandonar a terra de origem. A nova configuração detalhada pelo IBGE evidencia, portanto, que a obrigação do Estado de proteger os povos originários tem uma complexidade ainda maior.

Os ataques são diversos. Intitula da Terra do Meio: da Rio+20 à COP30, a série de reportagens produzida pela jornalista Cristina Ávila e publicada em quatro edições do **Correio Braziliense** revela o elenco de afrontas e violências a que estão submetidos os povos indígenas em uma área de preservação ambiental na Amazônia e no Pará, entre os rios Xingu e Iriri. Faltam iniciativas e políticas públicas que garantam segurança às populações originárias — realidade que se repete em outros cantos do país.

Historicamente, a inércia dos sucessivos governos é um dos fatores que emergem como estímulo às violências praticadas. As equipes de segurança são acionadas em situações críticas, como ocorreu no território Yanomami, em 2023. O episódio mobilizou as Forças Armadas, equipes de saúde, celebridades, especialistas, e forçou uma atenção especial do governo federal para evitar um genocídio em Roraima. Foi uma ação pontual diante episódio divulgado até no exterior.

Os direitos constitucionais e humanos dos povos indígenas não somente deveriam ser respeitados durante fatos excepcionais em um Brasil que abriga conferências que tratam dos desafios da humanidade para garantir a vida no planeta. Como guardiões do patrimônio natural, eles têm papel relevante no embate contra o aquecimento climático.



LETÍCIA MOUHAMAD
leticiamouhamad.df@cbnet.com.br

Meus desacontecimentos

Estou com 27 anos. Mais perto dos 30 do que dos 20. Na minha bolha social, há quem enxergue essa idade como ideal para se dedicar à vida profissional, estudar para um concurso público ou até tentar um mestrado.

Desde adolescência, perdi a conta de quantas vezes escutei que ser funcionário público, “acredite, é o melhor caminho em Brasília. Garantia de vida”. Tenho amigos, porém, que se dedicam a outras prioridades, como planejamentos de casamentos e chás-de-bebê. Com a minha idade, por exemplo, meu pai já era meu pai.

Fato é que, nessa miscelânea de (des) acontecimentos, me sinto uma criança perdida da mãe em uma loja de departamento num dia de promoção. Sinto desespero. Afinal, não sei qual caminho seguir. Por sorte, conto com aliados que compartilham da minha aflição.

Lendo o clássico A sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han, constatei que esse desespero e senso de urgência — para conquistar o melhor emprego, financiar um carro, comprar uma boa casa e mostrar aos nossos pais que vencemos — tem nome: sociedade do desempenho. Trata-se de um modo de vida que valoriza a produtividade e a busca incessante por sucesso. O cansaço, portanto, é a resposta do corpo a essa cobrança.

Daí o desespero que mencionei no início, pois raras vezes agimos com a certeza de que estamos no “rumo certo” e de que não iremos fracassar. Nossos pais, quase sempre tão cheios de confiança, gostam de frisar que, no tempo deles, apesar da vida mais simples, todos eram mais felizes. Mesmo com as dificuldades financeiras, conquistaram o que hoje nos parece

tão distante. É verdade que os tempos mudam e o mundo dá voltas. Mas há mais pedras no caminho.

Certa vez, perguntei a uma colega psiquiatra o que tem acontecido com as últimas gerações (das quais, me incluo). Afinal, tenho a impressão de que estamos todos exaustos o tempo inteiro. E digo mais: dificilmente encontraremos pessoas nessa faixa etária que dispensaram a terapia ou não tomam psicotrópicos.

Segundo ela, além de termos sido pegos de surpresa por uma pandemia, numa fase da vida fundamental para a construção e consolidação de laços, nos afogamos em uma enxurrada de informações, em sua maioria, negativas, e vindas quase sempre das redes sociais que, por sua vez, alimentam o sentimento de competitividade e fracasso.

Como sair, então, desse looping de melancolia e frustração? É possível chegar aos 30 com mais confiança do que temos aos 20? É de bom-tom fugir de comentários familiares a respeito de casamentos e concursos públicos? Eu não sei. Mas suspeito que o primeiro passo rumo a uma juventude menos desesperadora seja, sempre que possível, procurar refúgio no que verdadeiramente nos faz bem.

Tenho amigos que encontram paz de espírito treinando e participando de maratonas. Outros, se dedicam a hobbies diversos (crochê, jogos, culinária) e ainda há aqueles que apenas desaparecem das redes sociais mesmo. Eu, por exemplo, aprecio ter tempo de qualidade com meu cachorro e gosto de montar, minuciosamente, playlists que, para mim, são terapêuticas. E você, onde procura refúgio nos dias mais difíceis?



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Lula e Trump 1

Autoridades brasileiras, em geral, da política, da economia e do empresariado, como era de se esperar, manifestaram-se otimistas com o encontro, na Malásia, entre Trump e Lula. Todos salientando os prováveis avanços econômicos entre Brasil e Estados Unidos que poderão avançar entre os dois países. Trump e Lula conversaram como dois presidentes que pensam no bem comum. Pelo quadro belicoso existente até então, a reunião entre os dois chefes de nações pode seguramente ser considerada histórica. O lado insano e estúpido a respeito do encontro ficou com a recalçada declaração do ainda deputado federal Eduardo Bolsonaro.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Lula e Trump 2

Voltamos aos trilhos da sensatez e do bom convívio. O encontro entre Donald Trump e Luiz Inácio Lula da Silva consolida a melhor prática diplomática entre dois países que foram alvo de intrigas e fofocas durante o governo Bolsonaro. O que parecia inalcançável, dada a investida agressiva de figuras como Eduardo Bolsonaro e o blogueiro Paulo Figueiredo, transformou-se em um encontro educado e proveitoso para ambos os países. Esse momento histórico demonstra que mesmo as relações mais desgastadas podem ser reatadas pelo diálogo e pela vontade política. Esse reencontro abre as portas para um futuro de colaboração e prosperidade mútua, provando que a esperança e a diplomacia sempre podem triunfar sobre a discórdia. O amanhã que se constrói com respeito é, sem dúvida, mais promissor para todos.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Argentina

A vitória de Javier Milei na Argentina era dada como duvidosa por muitas pesquisas. No entanto, foi indubitável e estabeleceu nova correlação de forças naquele país, diminuindo significativamente a presença do peronismo, responsável pelo desastre dos últimos 60 anos. Em dois anos, o governo argentino reduziu drasticamente a inflação, diminuiu os índices de pobreza, aumentou sensivelmente a segurança pública, baixou impostos, encolheu a

presença do Estado, favoreceu a iniciativa individual e gerou superavit primário, fato que não ocorria havia muitos anos. Tudo isso favorece a vida, o bem-estar e o progresso do cidadão. E exatamente por isso Milei é apontado como extrema-direita, ultradireita e fascista, o que indica que há quem considere que bom era quando a pobreza tinha atingido mais de 50% da população, a inflação tinha chegado a 143% ao ano, a insegurança se assemelhava à das cidades brasileiras, o país não tinha credibilidade financeira, o governo gastava mais do que arrecadava e inchava cada vez mais a máquina estatal. A Argentina caminha para ser líder no continente e reviver os tempos gloriosos do início do século 20, quando era um dos países mais avançados do mundo.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

LRF

A Lei da Responsabilidade Fiscal (LRF) é básica. Foi criada para limitar os gastos às receitas e a transgressão se sujeita a impeachment. O objetivo da LRF é moralizar os gastos públicos, mas, no jeitinho brasileiro, há transgressão sem punição. Para trapacear a LRF, muitos gastos não são despesas. É o que acontece no Brasil, sob a complacência e a cumplicidade do Legislativo, no famoso “toma-lá-dá-cá”. Já imaginou o superavit familiar sem as contas de luz, farmácia, gás, aluguel, água, escola e IPTU; só os gastos com alimentação e vestes? Exige-se do presidente, dos governadores e dos prefeitos sobriedade com os recursos públicos, muito mais que na família.

» **Humberto Schwartz Soares**
Vila Velha (ES)

Motociclistas

Em oito meses, 68 motociclistas perderam a vida no Distrito Federal. É impressionante como a maioria culpa os motociclistas por isso. As pessoas esquecem que eles são os mais vulneráveis no trânsito. Muitos motoristas andam com o celular, dirigem bêbados e desrespeitam regras básicas do trânsito, mas parece que isso não importa. É triste ver tanta gente falando com ódio e até dizendo que não se move com a perda de uma vida. Toda a vida importa.

» **Raquel Couto**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A verdade se fala na cara: presidente do STM pede perdão às vítimas da ditadura.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Apenas 63% dos homens se preocupam com o próprio corpo, o restante vive à mercê do acaso. A negligência masculina com a saúde é estrutural e tem de ser enfrentada com informação e acolhimento. O câncer de próstata não espera.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Uma das maiores vozes desse país, respeitem Dona Fafá.

Alefy Gabriel Mello — Brasília

Mauricio de Sousa completou 90 anos. Um ícone da literatura infantil, parabéns!

Joana Almeida — Brasília

Falta de veba pode fazer a PF interromper a emissão de passaporte. O documento é pago. Como pode faltar dinheiro?

Zilda Ribeiro — Brasília

Não vejo nada de surpreendente no resultado das eleições da Argentina. Trump abertamente sugeriu que só ajudaria a Argentina se Milei saísse vitorioso. A abstenção alta mostra exatamente isso. O resto é resto

Deolinda Taveira — Rio de Janeiro

Convenhamos esse ministro Mauro Vieira é incansável. Um genuíno brasileiro que trabalha em prol do seu país.

Jorge Luiz Rocha — Brasília

Dói no coração ver um patrimônio histórico nesse estado que se encontra o Hotel Nacional.

Lia Braz — Brasília

Hotel Nacional: espero, sinceramente, que quem estiver à frente dessa obra não mude a essência do local, mas aproveite tudo o que sobrou.

Rachel Pereira — Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA	ASSINATURAS*
Localidade	SEG a DOM
DF/GO	R\$ 5,00 R\$ 7,00
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp	SEG a DOM R\$ 1.187,88 360 EDIÇÕES (promocional)
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.	
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp	

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ WZ
associação
gráfica

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br